

O TOTALITARISMO E A REIFICAÇÃO DAS CONSCIÊNCIAS: UM DIÁLOGO ENTRE A TEORIA CRÍTICA DE ADORNO, HORKHEIMER E MARCUSE E A FICÇÃO DE GEORGE ORWELL, EM *1984*

TOTALITARISM AND THE REIFICATION OF CONSCIOUSNESS: A DIALOGUE BETWEEN THE CRITICAL THEORY OF ADORNO, HORKHEIMER AND MARCUSE AND THE FICTION OF GEORGE ORWELL, IN *1984*

GUILLERMO DE ÁVILA GONÇALVES¹

Abstract: *1984*, by George Orwell, is a futuristic fiction that points to a dystopia at Oceania, a country ruled by The Party and its totalitarian government. The extreme ideologization results in the reification of the consciences. Winston Smith, a government employee, dares to question this totalitarianism and, for that, he becomes a target of the Thought Police (Thinkpol). Winston capitulates, under torture, before the official power. The concepts that are present in Orwell's work will be discussed according to a critical theory of society; which is represented, in this article, by the works of Adorno, Horkheimer and Marcuse. The thoughts of these authors dialogue with Orwell's work and are the base to a critical and emancipatory interpretation of the novel.

Keywords: Adorno, Horkheimer, Marcuse, reification, totalitarianism.

Resumo: *1984*, de George Orwell, é uma ficção futurista que aponta para uma distopia na Oceânia, um país comandado pelo Partido e seu regime totalitário. A ideologização ostensiva ocasiona a reificação das consciências. Winston Smith, funcionário do governo, questiona o totalitarismo e se torna alvo da Polícia das Ideias. Winston capitula, via tortura, diante do poder oficial. Os conceitos da obra de Orwell são discuti-

Resumen: *1984* de George Orwell es una ficción futurista que presenta una distopía en Oceanía, un país comandado por el Partido Único y su régimen totalitario. La ideologización extrema ocasiona la reificación de las conciencias. Winston Smith, funcionario del gobierno, cuestiona el totalitarismo y se vuelve blanco de la Policía del Pensamiento. Winston se rinde, vía tortura, ante el poder oficial. Los conceptos de la obra

¹ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG); guillermo.goncalves@ifg.edu.br; ORCID: 0000-0003-2427-5749

dos à luz da teoria crítica da sociedade, representada neste ensaio por Adorno, Horkheimer e Marcuse. Estes autores dialogam com a obra de Orwell e ajudam a desenvolver uma interpretação segundo uma perspectiva crítica e emancipatória.

Palavras-chave: Adorno, Horkheimer, Marcuse, reificação, totalitarismo.

de Orwell son discutidos a través de la teoría crítica de la sociedad, representada en este ensayo por Adorno, Horkheimer y Marcuse. Estos autores dialogan con la obra de Orwell y la interpretan de acuerdo con una perspectiva crítica y emancipadora.

Palabras clave: Adorno, Horkheimer, Marcuse, reificación, totalitarismo.

1. Introdução

Winston Smith, o principal personagem da obra de ficção intitulada *1984*, escrita por George Orwell em 1949, não é o protagonista da trama. Se relacionássemos o protagonismo à centralidade dos fatos, poderíamos conferir algum brilho singular a Winston; mas segundo os espectros políticos, sociais e culturais que envolvem a Oceânia, megabloco ou continente onde ocorre a narrativa, o personagem curva-se diante do sistema opressor e totalitário, não se constituindo em autor da história e de sua própria história².

O protagonismo pressupõe uma teleologia voltada para a construção de histórias individuais e coletivas. O futuro como construção histórica coloca o homem como senhor de sua vida, em dimensões que alcançam desde a política e o trabalho até a cultura e o lazer. O destino como fatalidade, ou como “consequência inevitável” do processo civilizatório, na verdade espelha a acomodação do ser humano diante das diretrizes políticas e das organizações econômicas que caracterizam o *status quo*.

Em *1984*, o governo da Oceânia é realizado pelo Partido, o qual é personificado na figura do Grande Irmão, aquele que vigia a tudo e a todos de forma ininterrupta³. A obra de Orwell é uma distopia, uma antítese da utopia: Smith e a quase totalidade dos habitantes do país sobrevivem diante de uma realidade cruel e opressora, limitadora da autonomia e do pensamento crítico. Todas as relações sociais, afetivas, políticas e religiosas são vigiadas através das teletelas⁴, os instrumentos que captam movimentos (e às vezes pensamentos) dos habitantes do país em todas as residências e lugares

² George Orwell, *1984*, (São Paulo: Companhia das Letras, 2009), 346.

³ Orwell, *1984*, 12.

⁴ Teletelas eram placas metálicas semelhantes a espelhos foscos, integradas às paredes das casas dos habitantes da Oceânia. Eram instrumentos que transmitiam mensagens e propagandas do governo, bem como vigiavam as movimentações das pessoas. Não podiam ser desligadas pela vontade do morador da residência.

públicos. De modo secreto, até porque seria impossível de outra forma, Winston Smith ensaia um movimento de rebeldia contra o governo, mas capitula diante da tortura e do massacre ideológico aos quais é submetido e, nas últimas páginas do livro, afirma que ama o Grande Irmão e que está de acordo com a doutrina que o Partido expressa⁵.

Este ensaio reflete sobre os pressupostos da racionalidade capitalista, seja ela considerada como “racionalidade instrumental”⁶, de acordo com Adorno e Horkheimer, ou “racionalidade tecnológica”⁷, segundo Marcuse, na fictícia Oceânia de George Orwell. A hegemonia da racionalidade capitalista conduz o mundo ao totalitarismo e à reificação das consciências, conforme exposto pela “Teoria Crítica da Sociedade da Escola da Frankfurt”⁸, representada neste texto por Adorno, Horkheimer e Marcuse. Esses mecanismos políticos e culturais, o totalitarismo e a reificação das consciências, assumem centralidade no real mundo moderno e no mundo ficcional de Orwell, que inclusive apresenta traços de comportamentos políticos do século XXI e da segunda metade do século XX.

Uma teoria crítica da sociedade poderia revelar as nuances e os meandros da Oceânia? Os pensamentos de Adorno, Horkheimer e Marcuse podem lançar luzes sobre os caminhos incertos e tortuosos de Winston Smith, sobre o qual paira vigilância extrema? As respostas para as duas questões são necessárias. A nuvem tenebrosa do controle estacionada sobre a Oceânia deve ser dissipada por visões que extrapolem a verdade imutável, as aparências e o retrato parcial em nome, respectivamente, da contradição, da essência e da totalidade, que representam categorias fundamentais para uma análise alicerçada no paradigma epistemológico denominado materialismo dialético e no conceito de ideologia, ambos de origem marxista.

De acordo com Gonçalves, o materialismo, em Marx, trilha um percurso dialético que se origina nas condições materiais concretas da existência, ao contrário da dialética de Hegel, alicerçada no idealismo que parte das consciências. O materialismo dialético “busca as múltiplas determinações que constituem o sujeito e o objeto. Se a dialética marxista principia nas condições materiais da existência, quem responde à realidade objetiva-

⁵ Orwell, 1984, 346.

⁶ Theodor Adorno e Max Horkheimer, *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos* (Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985).

⁷ Herbert Marcuse. *A ideologia da sociedade industrial: o homem unidimensional* (Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979).

⁸ Para a apreensão de conhecimentos relacionados à Teoria Crítica da Sociedade da Escola de Frankfurt recomenda-se a leitura das obras de Adorno, Horkheimer e Marcuse.

da constituindo-a e sendo constituído por ela é o sujeito”⁹. Nesse sentido, segundo Marx & Engels

não é a consciência que determina a vida, é a vida que determina a consciência. No primeiro modo de consideração, parte-se da consciência como indivíduo vivo. No segundo, que corresponde à vida real, parte-se dos próprios indivíduos vivos reais e considera-se a consciência apenas como a sua consciência¹⁰.

Segundo Marx & Engels, em todas as épocas as ideias da classe dominante são aquelas que predominam em uma sociedade. Quem detém o poder material, através da propriedade dos meios de produção, controla também o campo das ideias, a ideologia de seu tempo. A classe dominante produz e reproduz bens materiais e imateriais, sendo que dentre estes últimos estão as ideias¹¹.

A ideologia, então, propaga valores revestidos de uma falsa universalidade, pois atinge a classe dominada, o proletariado, que passa a advogar em favor das teses dominantes. Forma-se um consenso social em torno da exploração do homem pelo próprio homem, configurando um mundo em que a coesão social, sustentada sem violência, naturaliza a dominação de uma classe por outra. A ideologia hegemônica, a da classe dominante, passa a ser consentida por todos, de forma independente das classes às quais os indivíduos pertencem, e passa a ser o pensamento fundamental de uma época e de uma sociedade, historicamente construído para viabilizar a manutenção do *status quo*.

Neste artigo, após estas breves considerações introdutórias, abordaremos os processos totalitários e de reificação em *1984*, além das relações da obra de Orwell com a realidade histórica e política da Segunda Guerra Mundial, do Pós-Guerra e do mundo contemporâneo, sempre a partir das racionalidades de ordem capitalista contidas nas obras de Adorno, Horkheimer e Marcuse.

2. Sobre o Totalitarismo em *1984*

Para Arendt, o totalitarismo compreende o domínio total de um regime político sobre as massas – e não sobre as classes. O desaparecimento

⁹ Guillermo A. Gonçalves, *Adolescentes e jogos eletrônicos: racionalidade, submissão e resistência* (Saarbrücken: Novas Edições Acadêmicas, 2014.), 14.

¹⁰ Karl Marx e Friedrich Engels, *A ideologia alemã*. (São Paulo: Expressão Popular, 2009), 32.

¹¹ Marx e Engels, *A ideologia*, 32.

das classes e seus interesses particulares, com o conseqüente surgimento de massas homogêneas, pressupõe condições essenciais para que o totalitarismo seja efetivado. O domínio total atinge diversas dimensões da existência humana, como a política, a economia, a cultura, o lazer, os relacionamentos sociais e afetivos, as vidas privada e pública, enfim. Movido pela propaganda e pelo terror, o totalitarismo absorve as massas negando o individualismo¹².

Arendt diz:

o governo totalitário é diferente das tiranias e das ditaduras; a distinção entre eles não é de modo algum uma questão acadêmica que possa ser deixada, sem riscos, aos cuidados dos “teóricos”, porque o domínio total é a única forma de governo com a qual não é possível coexistir¹³.

A impossibilidade da coexistência, ou da existência individual diante do regime totalitário, então, transparece na narrativa de *1984*. Arendt acrescenta:

o domínio total não permite a livre iniciativa em qualquer campo de ação, nem qualquer atividade que não seja totalmente previsível. O totalitarismo no poder invariavelmente substitui todo talento, quaisquer que sejam as suas simpatias, pelos loucos e insensatos cuja falta de inteligência e criatividade é ainda a melhor garantia de lealdade¹⁴.

O literatura de George Orwell segue uma narrativa linear e cronológica que apresenta fatos e circunstâncias novas e reincidentes no decorrer do tempo. O totalitarismo é uma característica presente na obra desde suas páginas iniciais e os acontecimentos vão se sucedendo demonstrando as diversas faces de um governo autoritário, centralizador e promotor de falsas ideias e realidades. Este ensaio, por sua vez, de alguma forma subverte a linearidade e a cronologia da narrativa orwelliana, apresentando o totalitarismo não como um compartimento estanque, mas como conceitos que dialogam entre si e que, em conjunto, analisam o enredo de *1984* sem necessariamente recorrer às etapas cronológicas dos fatos.

As contribuições teóricas de Adorno, Horkheimer e Marcuse, geradas no âmbito da Teoria Crítica da Escola de Frankfurt, também não seguem uma estrutura linear, na qual “um se pronunciaria após o outro”. Pelo contrário: esses autores se alternam e se associam nas revelações acerca das contradições, das racionalidades e da totalidade das concepções políticas, econômicas, sociais e culturais impostas pelo Partido sobre a sociedade da Oceânia.

¹² Hannah Arendt, *Origens do totalitarismo: antissemitismo, imperialismo, totalitarismo*. (São Paulo: Companhia das Letras, 2012), 420.

¹³ Arendt, *Origens*, 420.

¹⁴ Arendt, *Origens*, 473.

Enfim, preservando os conteúdos teóricos tão caros a tais pensadores, a forma de exposição dos conceitos segue um caminho algo diferente daquele fundamentado na compartimentalização convencional.

Analisando o totalitarismo enquanto dimensão multifacetada do controle e da normatização abrangentes, cabe-nos a indagação: a que regime político totalitário é dirigida a crítica de George Orwell em *1984*? Seria ao nazifascismo que avançou no período entre as duas guerras mundiais? Seria ao comunismo da extinta União Soviética de Josef Stálin? Ou seria uma análise futurista capaz de antever os talibãs, fundamentalistas islâmicos que dominaram o Paquistão e o Afeganistão na virada do século XX para o XXI? Orwell estaria prevendo o regime autoritário de Kim Il-sung, na Coreia do Norte e sua dinastia? Ou de alguma forma vislumbrou fanatismos como o que perpetrou o ataque às torres gêmeas de Nova York no terrível 11 de Setembro de 2001?

Talvez Orwell tenha inspirado sua literatura em regimes políticos que lhe eram contemporâneos, como pode ter manifestado a lucidez de identificar possibilidades no futuro, algumas delas tardias em relação à data fixada em sua obra: *1984*. O fato é que Orwell, pela via da ficção, realiza uma advertência atemporal sobre o risco da hegemonia da desumanização no mundo. Nesse aspecto, devemos ressaltar que tal risco já havia encontrado ressonância nas abordagens críticas de Adorno, Horkheimer e Marcuse. Os estudos desses intelectuais, notadamente sobre a racionalidade, expõem as entranhas do totalitarismo e da reificação que, relacionados à obra de Orwell, são os objetos de apreensão deste texto.

Em Oceânia, o Partido controlava a distribuição de itens de consumo, sempre em quantidades exíguas, para a substancial maior parte dos habitantes do país. O Núcleo do Partido, que tudo monitorava pelas teletelas, fornecia rações diárias aos trabalhadores/proletários, designados comumente por “proletas”. Esses trabalhadores representavam 85% da população do país, sendo que os outros 15% eram os membros do Partido. A respeito do comando e controle do país, o personagem O’Brien, um hierarca do governo, diz a Winston Smith que

O Partido deseja o poder exclusivamente em benefício próprio. Não estamos interessados no bem dos outros; só nos interessa o poder em si. Nem riqueza, nem luxo, nem vida longa, nem felicidade: só o poder pelo poder, poder puro. O que significa poder puro? Você vai aprender daqui a pouco. Somos diferentes de todas as oligarquias do passado porque sabemos muito bem o que estamos fazendo. Todos os outros, inclusive os que se pareciam conosco, eram covardes e hipócritas. Os nazistas alemães e os comunistas russos chegaram perto de nós em matéria de métodos, mas nunca tiveram a coragem de reconhecer as próprias motivações. Diziam, e talvez até acreditassem, que tinham tomado o poder contra a vontade e por um tempo limitado. E que na primeira esquina da história surgiria um paraíso em que todos os

seres humanos seriam livres e iguais. Nós não somos assim. Sabemos que ninguém toma o poder com o objetivo de abandoná-lo. Poder não é um meio, mas um fim. Não se estabelece uma ditadura para proteger uma revolução. Faz-se a revolução para instalar a ditadura. O objetivo da perseguição é a perseguição. O objetivo da tortura é a tortura. Objetivo do poder é o poder¹⁵.

Na Oceânia de Smith e O'Brien, o Partido controlava desde a organização do poder até a intimidade das vidas privadas. O mundo privado era de controle do Estado, pela adoração ao Grande Irmão e pela organização ministerial. Esta última englobava os ministérios da Verdade, responsável pela imprensa, entretenimento e educação; da Paz, paradoxalmente encarregado dos assuntos de guerra; do Amor, destinado à manutenção da lei e da ordem; e o da Pujança, responsável pelas questões econômicas¹⁶.

Além desses ministérios, havia uma instância particularmente repressora: a Polícia das Ideias, que buscava, identificava e punia eventuais pessoas que mantivessem pensamentos contrários aos do Partido. O simples pensar em desacordo com as determinações do Partido significava o pensamento-crime: seu autor poderia ser torturado para obtenção de confissão e colocação de “ideias adequadas” ou simplesmente “vaporizado”, o que significava sumir como se jamais tivesse existido¹⁷.

Winston trabalhava no Departamento de Documentação, uma instância vinculada ao Ministério da Verdade, onde a história era corrigida e reescrita. Se uma previsão pública do Partido não se confirmasse, eram confiscados os veículos de mídia impressa: nesse caso o Departamento de Documentação escrevia, nos meios digitais, uma nova previsão alicerçada nos fatos posteriormente confirmados. Nesse contexto, a “verdade” mudava de lugar e o passado se tornava outro, diferente do originalmente acontecido¹⁸.

O Partido também havia adotado uma nova língua, a *Novafala*, que aboliu termos e palavras interpretados como potencialmente ofensivos ao regime. A *Novafala* admitia tão somente vocabulários adequados ao interesse do *status quo*. Entre os termos da nova língua estava o *duplipensamento*, que significa a mutabilidade do passado e a concretização de uma nova verdade. Em outras palavras, a verdade deixava de ser o ocorrido de fato para se tornar a versão idealizada pelo governo totalitário. Nesse contexto, o antigo idioma, a *Velhafala*, foi extinto por abrigar possibilidades subversivas e contrarrevolucionárias¹⁹.

¹⁵ Orwell, 1984, 307-308.

¹⁶ Orwell, 1984, 14-15.

¹⁷ Orwell, 1984, 13.

¹⁸ Orwell, 1984, 47.

¹⁹ Orwell, 1984, 14.

A amplitude de ação e de influência do Partido, então, alcançava todas as manifestações humanas, pois ações, pensamentos e expressões, tanto verbais como corporais, eram controladas de perto pelas teletelas e pelos membros do núcleo do governo infiltrados entre os proletários. As dimensões da existência, tais como as relações sociais e afetivas, a produção e o trabalho, a cultura e o lazer, eram observadas, controladas e eventualmente punidas pelo governo do Grande Irmão.

Há, portanto, um caráter totalitário de estabelecimento de diretrizes e imposição de ideias em toda a sociedade da Oceânia. Adorno e Horkheimer explicam que

Pela mediação da sociedade total, que engloba todas as relações e emoções, os homens se reconvertem exatamente naquilo contra o que se voltara a lei evolutiva da sociedade, o princípio do eu: meros seres genéricos, iguais uns aos outros pelo isolamento na coletividade governada pela força²⁰.

O texto de Orwell menciona a existência de um sistema político-econômico para a Oceânia, onde vivem Winston Smith, Julia, seu grande amor, e O'Brien: tratava-se do *Socing*. Orwell escreve que Winston afirmava que “não lhe parecia que tivesse ouvido a palavra *Socing* antes de 1960, mas quem sabe na expressão utilizada pela Velhafala – ou seja, *socialismo inglês* – ela um dia tivesse sido de uso corrente”²¹

Ainda que uma forma de socialismo estivesse sendo aplicada em Oceânia, anteriormente denominada Inglaterra e Grã-Bretanha, o governo não prestava contas ou informações aos habitantes sobre o sistema político vigente. Mais que um eventual socialismo, o Partido conduzia um regime totalitário capaz de conduzir intelectuais e leitores de Orwell a polarizações, tanto que *1984* foi argumento para o capitalismo norte-americano proferir críticas ao comunismo soviético, o que também ocorreu em sentido contrário. Assim, observamos que existem racionalidades políticas e/ou econômicas, sendo ambas totalitárias quando não admitem possibilidades divergentes ou plurais de organização da vida e dos meios de produção, assim como a propriedade destes últimos. Uma racionalidade instrumentalizada, portanto, pode se converter em meio para a consolidação de capitalismo ocidental ou para o *modus operandi* do comunismo soviético. Nas linhas e entrelinhas de sua obra, George Orwell realiza a crítica do sistema através de passagens e relatos que evidenciam a submissão de todas as partes ao todo, o que é, precisamente, o totalitarismo.

²⁰ Adorno e Horkheimer, *Dialética*, 47.

²¹ Orwell, *1984*, 49.

Os tentáculos do totalitarismo da Oceânia alcançavam dimensões inimagináveis, como no episódio da adulteração da produção industrial do país. De acordo com o Ministério da Pujança, seriam produzidos, em um determinado trimestre, cento e quarenta e cinco milhões de pares de botas, mas a fabricação real foi de sessenta e dois milhões²². No Departamento de Documentação, cabia a Winston a construção de uma “nova realidade”. A esse respeito escreve Orwell:

Ao reescrever as estimativas, porém, Winston baixara o número para cinquenta e sete milhões de pares, para dessa forma abrir espaço para as costumeiras declarações de que a cota de produção fora superada. De todo modo, os sessenta e dois milhões de pares não se aproximavam mais da verdade do que os cinquenta e sete milhões ou os cento e quarenta e cinco milhões. Era bem provável que nem um mísero par de botas tivesse sido produzido. Mais provável ainda era que ninguém soubesse quantos pares haviam sido produzidos, nem fizesse questão de saber. O que se sabia sem sombra de dúvida era que todos os trimestres uma quantidade astronômica de botas era produzida no papel, enquanto possivelmente metade da população da Oceânia andava descalça pelas ruas. E assim acontecia com todos os tipos de fatos documentados, importantes ou não²³.

A escrita de uma nova verdade, pela via da falsificação de material de imprensa pré-existente, estabelecia uma nova realidade. Não se tratava, evidentemente, da adoção de algum paradigma epistemológico, mas sim de uma adulteração grosseira de fatos ocorridos que pretendia convencer a população de Oceânia sobre a inexistência de um passado real. O poder do Partido e da propaganda oficial eram suficientemente fortes para apagar o passado da história: assim, a população do país interpretava os rumos dos fatos à luz (ou à escuridão) da perspectiva do Partido. Era desse modo, falso e irracional, que se constituía a vida do povo de Oceânia.

3. Sobre a Reificação em 1984

A Oceânia de George Orwell não revela verdades: muito pelo contrário, as atitudes opressoras, repressoras, manipuladoras e fascistas do Partido têm como objetivo a criação de verdades que correspondam aos anseios de seus membros. Busca-se, assim, a hegemonia da “revolução” instalada, o fortalecimento do poder que emana do Núcleo do Partido e de seus ministérios e a legitimação da ideologia que domina e aliena a quase totalidade da população do país. Há, então, um consenso social em torno das ideias do governo, pois

²² Orwell, 1984, 55.

²³ Orwell, 1984, 55.

o projeto político do Partido é constituído pela fabricação de verdades que distorcem a realidade em prol da manutenção do poder. A propaganda oficial penetra nas subjetividades pela introjeção de fatos falsos como se verdadeiros fossem, o que, em larga escala, torna tais fatos aceitáveis e desejáveis pela população em geral. Consolidam-se assim as subjetividades reificadas, que são consciências coisificadas ou petrificadas diante da racionalidade instituída e que submetem particularidades e singularidades à ditadura do todo.

Para a análise de *1984* e sua interpretação a partir de Adorno, Horkheimer e Marcuse, precisamos de uma epistemologia (o materialismo dialético²⁴) capaz de compreender o objeto; no caso a obra de Orwell, a partir de sua totalidade e historicidade. São também necessários pares dialéticos como parte/todo, aparência/essência, indivíduo/sociedade e alienação/emancipação, pois estes são elementos que nos permitem apreender as contradições existentes na relação do cidadão comum da Oceânia com o Partido representado pelo Grande Irmão.

A capital da Oceânia continuava sendo Londres, como já era desde tempos remotos. Na cidade, como em todo o país, havia diariamente uma sessão intitulada “Dois minutos de ódio²⁵”: para estes momentos os “proletas” interrompiam seu trabalho e se concentravam diante de uma tela na qual aparecia o rosto de Emmanuel Goldstein, um antigo membro do Partido que se entregara à contrarrevolução. Orwell explica os “Dois minutos de ódio” destilado contra Goldstein:

(...) um guincho pavoroso, estridente, como o som produzido por alguma máquina monstruosa girando sem lubrificação, escapou da vasta teletela posicionada no fundo da sala. Era um barulho que mexia com os nervos da pessoa e arrepiava os cabelos da nuca. O Ódio havia começado. Como de costume, o rosto de Emmanuel Goldstein, o inimigo do Povo, surgira na tela. Ouviram-se assobios em vários pontos da plateia. A mulher ruiva e franzina soltou um guincho em que medo e repugnância se fundiam. Goldstein era o renegado e apóstata que um dia, muito tempo antes (quanto tempo, exatamente, era coisa de que ninguém se lembrava), fora uma das figuras destacadas do Partido, quase tão importante quanto o próprio Grande Irmão, e que depois se entregara a atividades contrarrevolucionárias, fora condenado à morte e em seguida fugira misteriosamente e sumira do mapa. A programação dos Dois Minutos de Ódio variava todos os dias, mas o principal personagem era sempre Goldstein. Ele era o traidor original, o primeiro conspirador da pureza do Partido. Todos os crimes subsequentes contra o Partido, todas as perfídias, sabotagens, heresias, todos os desvios eram resultados diretos de sua pregação²⁶.

²⁴ O materialismo dialético, de fundamentação marxista, inverte a dialética de Hegel ao preconizar as condições concretas e materiais da existência como ponto inicial do movimento dialético. Se a dialética de Hegel é idealista, a de Marx é materialista.

²⁵ Orwell, *1984*, 20.

²⁶ Orwell, *1984*, 22.

Os Dois Minutos de Ódio representavam momentos de medo, ira e fúria diante da figura de Goldstein. As pessoas gritavam, xingavam e se moviam de modo vigoroso. Tudo isso ocorria como reação ao discurso de Goldstein veiculado na tela. Segundo Orwell,

Goldstein atacava o Grande Irmão, denunciava a ditadura do Partido, exigia a imediata celebração da paz com a Eurásia, defendia a liberdade de expressão, a liberdade de imprensa, a liberdade de reunião, a liberdade de pensamento, gritava histericamente que a revolução fora traída²⁷.

As reações da plateia durante a celebração do Ódio revelam a manipulação das consciências, fenômeno que sugere às mentes das pessoas a aceitação e o desejo em relação aos conteúdos formulados pelo sistema dominante. O proletariado, na Oceânia, apenas quer o que o sistema deseja que ele queira. Trata-se da reificação das consciências, enfim. A obra de Orwell foi escrita na década de 40 do século passado, e a respeito dessa mesma década Adorno e Horkheimer revelam monopólios culturais frágeis se comparados às indústrias químicas, de petróleo e do aço²⁸. No entanto, os mesmos autores antecipam a influência internacional da televisão, como síntese entre o rádio e o cinema e como representação de uma padronização técnica propagadora de um consumo unidimensional.

O consumo unidimensional produz a figura do homem unidimensional, que de acordo com Marcuse significa o indivíduo inteiro reivindicado pela tecnologia de produção e distribuição em massa. Nesse contexto, “os múltiplos processos de introjeção parecem ossificados em reações quase mecânicas. O resultado não é o ajustamento, mas a mimese: uma identificação imediata do indivíduo com a sua sociedade e, através dela, com a sociedade em seu todo²⁹”.

O homem unidimensional é um produto da racionalidade tecnológica originária da Revolução Industrial, que por sua vez modificou os padrões de produção, substituindo atividades artesanais pelas linhas de montagem em série. A racionalidade da técnica, então, passou a dominar os ambientes de trabalho e alcançou a realidade das vidas domésticas. Assim como a racionalidade instrumental, a racionalidade tecnológica alcançou expansão totalitária sobre os homens e as sociedades.

Ao observarmos as vidas dos habitantes de Londres, Oceânia, encontramos com clareza indivíduos que se afastaram (ou foram afastados) da singularidade, do reconhecimento de si mesmos naquilo que poderia ser específico de

²⁷ Orwell, 1984, 23.

²⁸ Adorno e Horkheimer, *Dialética*, 58.

²⁹ Marcuse, *A ideologia*, 30-31.

cada um. O totalitarismo do Partido, a maciça propaganda ideológica oficial, as atribuições mecânicas do trabalho e o controle das teletelas sobre os comportamentos das pessoas determinaram a padronização de condutas submissas ao regime. O indivíduo oceânico, não pertencendo ao Núcleo do Partido, adquire um modo de pensar comum a todos, nitidamente reificado, o que caracteriza homem e sociedade unidimensionais.

O homem unidimensional é deslocado, ou se desloca, de sua posição original de sujeito e protagonista para a condição de objeto, sobre o qual incidem alguns nexos constitutivos: a automação industrial que determina o trabalho mecânico e a mídia, que engloba o rádio, a televisão e imprensa escrita. Em síntese, é a racionalidade da técnica como objetivação o fator que destrói as subjetivações singulares e promove a reificação. Os indivíduos, em tese singulares, se convertem em meros reflexos do poder instituído e do modo de produção dominante. Em 1984, Winston Smith realiza um trabalho padronizado e determinado pelo Núcleo do Partido, via Ministério da Verdade e Departamento de Documentação: a substituição de uma verdade por outra. Winston recebe orientações de seus superiores para apagar o anteriormente escrito e noticiado por uma nova afirmativa que atenda aos interesses do poder dominante. A esse respeito, Orwell escreve:

O Partido dizia que a Oceânia jamais fora aliada da Eurásia. Ele, Winston Smith, sabia que a Oceânia fora aliada da Eurásia não mais de quatro anos antes. Mas em que local existia esse conhecimento? Apenas em sua própria consciência que, de todo modo, em breve seria aniquilada. E se todos os outros aceitassem a mentira imposta pelo Partido – se todos os registros contassem a mesma história –, a mentira tornava-se história e virava verdade. “Quem controla o passado controla o futuro; quem controla o presente controla o passado”, rezava o lema do Partido³⁰.

Por mais que tal forma de alienação, de não reconhecimento e não pertencimento se instalasse sobre a consciência de Winston Smith, em tese a subjetivação integral não poderia ser eliminada por totalitarismo algum. Orwell diz que Winston, na realização de seu trabalho, sabia que a verdade não havia sido alterada. A verdade sempre fora verdade, em qualquer tempo. Ocorre que o Partido desejava, para cada indivíduo, “uma série interminável de vitórias sobre a própria memória³¹”. A consciência de Winston foi alterada através de progressiva tortura física e mental. O’Brien disse a Winston, na prisão: “sua reintegração tem três estágios: primeiro aprendizado, depois compreensão, no fim aceitação³²”. A reintegração compreendia a absorção de Winston, por inteiro, pela máquina ideológica do Partido.

³⁰ Orwell, 1984, 47.

³¹ Orwell, 1984, 47.

³² Orwell, 1984, 305.

Na prisão, quase ao fim das sessões de tortura, Winston Smith abandona sua consciência original e singular substituindo-a pela crença nas palavras do Partido. A reificação, a compreensão petrificada e determinada por um elemento externo – no caso o Partido – enfim se concretiza. Orwell descreve o “novo” pensamento de Winston:

Não podia mais lutar contra o Partido. Além do mais, o Partido tinha razão. Devia ter: como o cérebro imortal, coletivo, podia estar errado? Por meio de que critérios externos seus julgamentos poderiam ser verificados? A sanidade mental era estatística. Tratava-se simplesmente de aprender a pensar como eles pensavam. Apenas...³³!

Orwell diz que Winston, após a sequência de pensamentos descrita acima, escreveu duas frases: “liberdade é escravidão” e “dois e dois são cinco”. A primeira frase era parte do lema do Partido: “guerra é paz, liberdade é escravidão, ignorância é força³⁴”. A segunda frase, por sua vez, foi proferida por O’Brien em sessões de tortura, em que o hierarca do Partido dizia que a consciência seria aquilo que quiséssemos acreditar, apesar de fatos e evidências em contrário.

O texto de Orwell traz outros fundamentos que afirmam o fetiche representado pelo Partido na “construção da verdade” que viola a própria verdade. Havia um colega de trabalho de Winston no Departamento de Documentação, chamado Syme. Segundo Orwell, um dia “Syme sumira. Uma bela manhã ele não apareceu no trabalho: algumas pessoas desavisadas comentaram sua ausência. No dia seguinte ninguém mais falou nele”. No terceiro dia Winston buscou notícias no quadro de avisos do Departamento de Documentação. Em lista impressa do comitê do jogo de xadrez, do qual Syme era membro, seu nome não constava. A lista “tinha quase exatamente o mesmo aspecto de antes – nada estava riscado –, mas faltava um nome. Era o que bastava. Syme deixara de existir; aliás, nunca existira³⁵”.

Para os habitantes da Oceânia parecia ser mais cômodo aceitar as versões do Partido sobre a realidade e a verdade, pois refletir sobre a autenticidade dos fatos trazia perigos como a verificação e punição aplicadas sobre os pensamentos-crime. As possibilidades de emancipação estavam bloqueadas, inicialmente, pela obstrução ao pensamento autônomo. De acordo com Orwell,

³³ Orwell, 1984, 323.

³⁴ Orwell, 1984, 27.

³⁵ Orwell, 1984, 177.

(...) a visão de mundo do Partido era adotada com maior convicção entre as pessoas incapazes de entendê-la. Essas pessoas podiam ser levadas a acreditar nas violações mais flagrantes da realidade porque nunca entendiam por inteiro a enormidade do que se solicitava delas, e não estavam suficientemente interessadas nos acontecimentos públicos para perceber o que se passava. Graças ao fato de não entenderem, conservavam a saúde mental. Limitavam-se a engolir tudo, e o que engoliam não lhes fazia mal, porque não deixava nenhum resíduo, exatamente como um grão de milho passa pelo corpo de uma ave sem ser digerido.³⁶

Sobre a hegemonia do sistema sobre os seres humanos, Adorno diz que a vida

Esgota-se na reprodução de si mesma, na reiteração do sistema, e suas exigências descarregam-se sobre os indivíduos tão dura e despoticamente, que cada um deles não pode se manter firme contra elas como condutor de sua própria vida, nem incorporá-las como algo específico da condição humana. Daí que a existência desconsolada, a alma, que não atingiu seu direito divino na vida, tenha a necessidade de substituir a perdidas imagens e formas através da semiformação³⁷.

Para Adorno, o processo de semiformação, uma vez mais, objetiva a adequação dos indivíduos ao *status quo* através do controle das subjetividades e da reificação das consciências. A semiformação promove a aquisição de uma semicultura, que traduz o consenso social em torno da cultura hegemônica, impregnada de valores individualistas, funcionalistas e capitalistas. Para Adorno,

A formação cultural agora se converte em uma semiformação socializada, na onipresença do espírito alienado que, segundo sua gênese e seu sentido, não antecede à formação cultural, mas a sucede. Deste modo, tudo fica aprisionado nas malhas da socialização³⁸.

Adorno compreende que é preciso, portanto, que a efetiva formação se concretize pelo caminho da crítica e da emancipação das apropriações e construções subjetivas.

O “desaparecimento” de Syme e o discurso do Partido, na obra de Orwell, são introjetados nos espíritos alienados dos indivíduos oceânicos. Tudo engolir, sem deixar resíduos, passa a ser a atitude dos ignorantes diante das contradições expostas na e pela realidade. Não pensar, na Oceânia, é mais

³⁶ Orwell, 1984, 187.

³⁷ Theodor Adorno, “Teoria da semicultura”, *Educação e Sociedade*, nº 56 (1996), 399.

³⁸ Adorno, *Teoria*, 389.

cômodo e menos perigoso. Por hábito ou por socialização, os indivíduos absorvem um modo de viver e de “pensar” que constitui reflexo imediato das determinações do Partido. Este último produz um tipo específico de consciência: aquela que se reifica, se petrifica diante do que está posto. Trata-se de formação, mas de formação para a adequação: em outras palavras, trata-se de semiformação.

Esse pressuposto ideológico – a semiformação – exercido pelo Partido compreende o processo “formativo” como um instrumento de adequação ao *status quo*. A legítima formação é aquela que contempla a singularidade dos sujeitos e o compromisso com a emancipação, com a consciência crítica, com a não dominação do homem pelo próprio homem ou pelo sistema vigente, enfim.

Quando o Partido na Oceânia, ou outro governo totalitário qualquer, promove a absorção das consciências em prol de normas pré-determinadas, sejam elas de ordem política, econômica, cultural, religiosa ou sexual, instala-se um processo de semiformação, que objetiva o consenso social em torno das normas escritas e não-escritas disseminadas pelo poder dominante. Para Adorno,

Quando o campo de forças a que chamamos formação se congela em categorias fixas – sejam elas do espírito ou da natureza, de transcendência ou de acomodação – cada uma delas, isolada, coloca-se em contradição com seu sentido, fortalece a ideologia e promove uma formação regressiva³⁹.

Adorno diz, a respeito do consenso social em torno do poder hegemônico, ou sobre o processo de adequação do indivíduo da Oceânia à ideologia do Partido:

A adaptação se reinstala e o próprio espírito se converte em fetiche, em superioridade do meio organizado universal sobre todo fim racional e no brilho da falsa racionalidade vazia. Ergue-se uma redoma de cristal que, por se desconhecer, julga-se liberdade. E essa consciência falsa amalgama-se por si mesma à igualmente falsa e soberba atividade do espírito⁴⁰.

4. 1984: Algumas relações com as realidades histórica e política

Arendt, no prefácio à primeira edição de *Origens do totalitarismo*, diz que

a tentativa totalitária da conquista global e do domínio total constituiu a resposta destrutiva encontrada para todos os impasses. Mas a vitória totali-

³⁹ Adorno, *Teoria*, 390.

⁴⁰ Adorno, *Teoria*, 391.

tária pode coincidir com a destruição da humanidade, pois, onde quer que tenha imperado, minou a essência do homem. Assim, de nada serve ignorar as forças destrutivas de nosso século⁴¹.

Na obra supracitada, além de colocar o antissemitismo e o imperialismo entre as raízes do totalitarismo, Arendt destaca a ocorrência de regimes totalitários na composição do século XX, tais como o comunismo de Stálin, na antiga URSS (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas), e o nazismo da Alemanha de Hitler, antes e durante a Segunda Guerra Mundial⁴².

A ficção de *1984* se aproxima do mundo real também a partir do regime fascista italiano de Mussolini. A fantasia toca, portanto, a realidade que originou a Segunda Guerra Mundial na primeira metade do século passado, notadamente a partir de personagens emblemáticos: Hitler, Stálin e Mussolini. Da Segunda Grande Guerra emergiram blocos político-econômicos antagônicos: de um lado, os Estados Unidos, defensores do capitalismo, e seus aliados; do outro, a União Soviética e seus países satélites do leste europeu, adeptos do comunismo. Estabeleceu-se então a Guerra Fria, encerrada com a queda do Muro de Berlim, em 1989. Posteriormente, o capitalismo expandiu seu raio de ação, alcançando inclusive nações outrora comunistas do leste europeu, como a Bulgária, a Romênia, a Hungria, a República Tcheca e a Eslováquia (estas duas últimas como resultados da divisão da antiga Tchechoslováquia), além da Eslovênia, da Sérvia, da Croácia, de Montenegro, da Macedônia e da Bósnia e Herzegovina, todas resultantes do fracionamento da antiga Iugoslávia.

Retomando a narrativa de 1984, identificamos semelhanças entre o totalitarismo oceânico e os regimes de domínio total promovidos de modo pangermânico e bolchevique, no século passado. A subjetividade reificada da população da Oceânia representa o ajuste às ideias do Partido. Nesse sentido, para Horkheimer, o indivíduo se adequa aos padrões que reconhece e se conforma com a realidade aparente que surge diante de seus olhos⁴³. O ajustamento se concretiza e uma ideia de sociedade fundamentada no nacionalismo se impõe através do terror. Devemos dizer que foi pela barbárie que a Alemanha nazista invadiu a Polônia em 1939, dando início à Segunda Guerra Mundial. Nesse mesmo confronto, foi também em meio ao terror que o Exército Vermelho da União Soviética de Stalin e o exército alemão de Hitler duelaram em território soviético, um evento que determinou um ponto de inflexão na Guerra com o recuo nazista direcionado para a Europa central.

⁴¹ Arendt, *Origens*, 13

⁴² Arendt, *Origens*, 415.

⁴³ Max Horkheimer. *Eclipse da Razão* (São Paulo: Centauro, 2000), 19.

A propaganda e o medo frequentemente antecedem a implantação do terror propriamente dito. A iminência do uso da força, da violência e da tortura funciona como uma antecipação dos piores cenários. A propaganda e a massificação ideológicas e a antecipação do medo e do terror habitam contextos políticos de diversos matizes. Havia, na primeira metade do século XX, uma inicialmente insólita aliança entre o liberalismo e o fascismo. Alguma perspectiva de medo e terror, disseminada por governos federais de direita na alegada defesa da pátria, são retratos da geopolítica contemporânea nos Estados Unidos, com o ex-presidente Donald Trump; no Brasil, com o ex-presidente Jair Bolsonaro; e na Hungria, com o primeiro-ministro Viktor Orbán. No Brasil, movido por ideais políticos e econômicos (neo)liberais, a associação com o fascismo ocorreu quando o governo bolsonarista, entre 2019 e 2022, promoveu a negação das instituições democráticas, a militarização de ministérios e cargos de chefia, e a menção do retorno à ditadura militar que comandou o país entre 1964 e 1985.

No plano contemporâneo, a invasão da Ucrânia pelas tropas russas de Vladimir Putin, apoiado pelo ditador da Bielorrússia (Belarus), Aleksandr Lukashenko, flerta com o totalitarismo pela via da tentativa de reconstrução imperialista fundamentada no que foi a União Soviética. Esse panorama, no entanto, não pode ser compreendido no contexto literal do totalitarismo e da reificação por pelo menos dois motivos: a) há um poderoso obstáculo aos interesses de Putin, que é precisamente a OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte), aliança militar que engloba países ocidentais e também alguns países-satélites da antiga URSS, localizados no leste europeu; b) não há adesão incondicional das massas, sejam elas russas ou ucranianas, aos ideais expansionistas e imperialistas da Rússia. Não se concretiza, assim, o domínio total sobre um bloco monolítico nem a cooptação das consciências – a reificação - por pretensos ideais totalitários.

5. A Indústria Cultural e a Capitulação de Winston em 1984

A atual hegemonia do capital, camuflado como veículo da prosperidade universal, opera segundo a lógica da produção de riquezas para a elevação do bem-estar das sociedades. No entanto, como aponta a filosofia marxista, os detentores dos meios de produção adquirem valores monetários e posses materiais em quantidades bem maiores que aqueles auferidos pelos trabalhadores, que são os indivíduos que efetivamente produzem os bens de consumo através da venda de sua força de trabalho. O domínio do sistema capitalista em escala mundial, associado ao consenso social em torno de seus pressupostos, faz com que sua expansão seja aceita e propagada por uma grande parte da sociedade, inclusive por aqueles penalizados pelo próprio

sistema. Os excluídos e desvalidos, então, reverenciam seu algoz. A cultura, tornada Indústria Cultural, de acordo com o termo estabelecido por Adorno e Horkheimer, se coloca como peça da engrenagem e fomenta o consumo alienado: instala-se assim o domínio totalitário do capitalismo sobre a sociedade⁴⁴.

A Indústria Cultural representa o ponto culminante de uma trajetória através da qual o sistema capitalista, interpretado segundo uma racionalidade instrumentalizada, alcança a mistificação das massas e se converte em tendência objetiva da História. Desse modo, as direções política, econômica e cultural das sociedades são definidas à margem dos homens que as constituem. A razão pragmática e utilitarista, que sobrepõe o capital às aspirações de solidariedade e fraternidade, reivindica o status de ciência contraposta aos mitos que afligiam o homem primitivo. Tal modelo de ciência, conhecida como positivismo, ao mesmo tempo em que esclarece os antigos mitos se converte em uma nova mitologia, que desloca a razão da emancipação do homem para sua subordinação ao capital.

O conceito de Indústria Cultural significa um modelo de cultura que estabelece uma “falsa identidade do universal e do particular⁴⁵” A universalização de princípios e de ações e as suas naturalizações pelos indivíduos significa a predominância de uma ideologia sobre as singularidades e subjetivações. O fetiche da mercadoria se torna hegemônico ao impor sua racionalidade instrumental e/ou tecnológica sobre os obliterados canais de expressão e emancipação do sujeito. Se a mercadoria é um fetiche em grande parte das sociedades contemporâneas, notadamente nas ocidentais, o Partido e o Grande Irmão também o são, inicialmente no plano político e posteriormente na esfera do totalitarismo, que traduzem o contexto repressivo que incide sobre a Oceânia. Como alicerces para a manutenção do poder, o Grande Irmão e o Partido são, nas subjetivações obstruídas e alienadas das pessoas da Oceânia, elementos necessários à paz social e ao progresso da nação.

A Indústria Cultural, hoje concretizada pela televisão, pela internet, pelas redes sociais e por uma vasta amplitude de recursos digitais do mundo cibernético, posicionou seus tentáculos sobre os habitantes da Oceânia através da maciça propaganda oficial do regime.

Os habitantes comuns da Londres e da Oceânia de Orwell se identificam com a ideologia do Partido, julgando-a pertinente e eficiente em relação ao momento que vivem. Para eles, a “revolução” que um dia elevou o Partido ao governo significa um modo de fortalecimento da nação e um meio para a unificação do país diante de inimigos externos, como a Eurásia. Aliás, vitórias da Oceânia em batalhas militares, amplamente divulgadas pelo governo,

⁴⁴ Adorno e Horkheimer, *Dialética*, 57.

⁴⁵ Adorno e Horkheimer, *Dialética*, 114.

são peças de ficção dentro da ficção. Em idealização do núcleo do Partido haveria uma (falsa) igualdade entre os indivíduos da nação, o que representa a absorção pelo povo de um discurso que não condiz com a realidade dos fatos. A crença no poder do Grande Irmão, os Dois Minutos de Ódio e também a Semana do Ódio, um evento oficial do Estado, deslocam o inimigo de dentro para fora do Partido, que se ergue como um fetiche, uma entidade com vida própria, capaz de convencer a população sobre as boas intenções e sobre as “essenciais” medidas e propagandas do governo. O espírito se torna alienado, julgando se reconhecer em uma realidade falsamente construída para a negação de sua emancipação: são construídos, dessa forma, o pensar e o agir que emanam da Indústria Cultural.

Nos planos político, ideológico e cultural do governo do Partido, na Oceânia, há uma ditadura alimentada pelo medo e pelo terror. A razão, desvinculada da autonomia, se converte em instrumento para a adequação das consciências ao discurso político oficial e hegemônico. Assim, a verdade e as ideias se tornam meros meios para a funcionalização social, o que alcança o plano da linguagem tomada como instrumento para a comunicação de concepções e percepções imprescindíveis para a orientação das massas. Na obra de George Orwell, a substituição da *Velhafala* pela *Novafala* evidencia a instrumentalização do discurso em favor do Partido.

A adequação das consciências à realidade produzida pelo Partido é operada pela racionalidade tecnológica contida nas teletelas espãs, nos computadores que “apagam antigas verdades” no Departamento de Documentação e nas máquinas que projetam imagens de Emmanuel Goldstein, o inimigo da revolução, nos Dois Minutos e nas Semanas do Ódio. As máquinas também operavam os instrumentos de tortura que visavam a introjeção da verdade do Partido nas consciências rebeldes. A esse respeito, diz Gonçalves:

O domínio da racionalidade tecnológica sobre a sociedade e as subjetividades é consentido por aqueles que deveriam assumir o protagonismo da História. A absorção integral do indivíduo pelo reino da técnica faz com que subjetividade e racionalidade tecnológica se comportem como um todo indivisível. Nesse contexto, o sujeito pensa como a sociedade ou vice-versa, pois tais dimensões (a individual e a social) se tornam uma só⁴⁶.

Antes de sucumbir, de modo delirante, à propaganda oficial, Winston Smith havia percebido as injustiças e desigualdades do sistema. O bem-estar comum era frequentemente representado por um pedaço de pão e gim, fornecidos pelo governo. As condições de habitação eram precárias se comparadas com a realidade dos membros do Núcleo do Partido. O pior, para

⁴⁶ Gonçalves, *Adolescentes*, 50.

Winston, era realizar trabalhos e ser obrigado a participar de atos como “Os dois minutos de ódio”, que legitimavam a hegemonia do Grande Irmão. Winston Smith, à essa época, possuía consciência acerca da farsa perpetrada pelo Partido. A contradição, o pensamento como ponto inicial da mudança, fazia parte do seu cotidiano.

Para Adorno, a compreensão crítica “é aquilo que reivindica ser, para se poder detectar na contradição os potenciais, as possibilidades de uma transformação na constituição geral da sociedade⁴⁷”. Winston e Julia haviam apreendido as contradições do sistema e vislumbravam a transformação da realidade social na qual estavam inseridos. O governo considerava a atração física, o erotismo e o amor subversivos, e por isso tais sentimentos deveriam ser eliminados ou minimizados. Segundo Orwell, o Partido regulava o casamento entre seus membros a partir de uma comissão que impedia o matrimônio se houvesse atração física entre as partes. “O único propósito reconhecido do casamento era gerar filhos para servir ao Partido⁴⁸”. Algumas organizações da Oceânia defendiam o celibato, a eliminação do sexo e a reprodução via inseminação artificial (*semart*, no idioma *Novafala*).

Em 1984, na cidade de Londres pertencente à Oceânia, Winston Smith sempre questionou a ditadura do Partido e a aparente unanimidade social em torno da política hegemônica. A relação com Júlia, as anotações em um diário secreto, a leitura de “Teoria e Prática do Coletivismo Oligárquico” (o livro odiado da subversão, de autoria de Emmanuel Goldstein) e os recorrentes pensamentos rebeldes (alvos da Polícia das Ideias) são eventos que demonstram a desconfiança do personagem diante das imposições do governo. Nas frestas da ideologia totalitária que o oprimia, Winston encontrou espaços pelos quais emergia a subjetividade ainda não totalmente petrificada.

Winston e Júlia confiaram em O’Brien, em tese considerado um membro da “Confraria” que abrigava os contrarrevolucionários discípulos de Goldstein. Essa foi a armadilha que capturou o casal, cúmplices no amor e no posicionamento político, e o entregou à Polícia das Ideias. Meses se passaram com Winston e Julia entregues à violência, ao isolamento, aos maus tratos e à tortura psicológica. O’Brien, de fato hierarca do Partido, se encarregou pessoalmente da tortura aplicada a Winston. Ao final desse processo de aniquilação do corpo e da consciência, Winston expôs que Júlia, seu grande amor, deveria ser torturada em seu lugar. O inverso também ocorreu: Júlia manifestou o desejo de ser substituída por Winston no mesmo processo. Quando enfim foram libertados, Winston e Júlia eram apenas pálidos retratos do que haviam sido anteriormente. Se reencontraram e confessaram que traíram um ao outro, e diante destas revelações as implicações emocionais, alteradas por

⁴⁷ Theodor Adorno. *Introdução à sociologia* (São Paulo: Editora UNESP, 2008), 71.

⁴⁸ Orwell, 1984, 84.

corpos e mentes anestesiados, foram apenas suaves e conformados lamentos. Eles já não eram mais os mesmos depois da longa estadia no Ministério do Amor (sim, era nesse ministério, com nomenclatura tão paradoxal, que a tortura era perpetrada)⁴⁹.

Ao final do livro, em um bar londrino, a teletela projetou o rosto do Grande Irmão. No último parágrafo de *1984*, Orwell escreve, a respeito de Winston Smith:

Olhou para o rosto descomunal. Quarenta anos haviam sido necessários para que ele descobrisse que tipo de sorriso se escondia debaixo do bigode negro. Ah, que mal-entendido cruel e desnecessário! Ah, que obstinado autoexílio do peito amoroso! Duas lágrimas recendendo a gim correram-lhe pelas laterais do nariz. Mas estava tudo bem, estava tudo certo, a batalha chegara ao fim. Ele conquistara a vitória sobre si mesmo. Winston amava o Grande Irmão⁵⁰.

6. Considerações finais

Regimes totalitários sempre emergem a partir do terror e da propaganda, de acordo com Arendt, e se solidificam a partir da desilusão das massas com os sistemas políticos e econômicos anteriormente vigentes⁵¹. Democracias liberais, assim como regimes autoritários, quando dominados pela corrupção e pelo patrimonialismo, provocam desilusões populares que representam campos férteis para o surgimento de movimentos totalitários.

Para Arendt a organização totalitária é fundamental para a consolidação dos regimes de domínio total. Segundo a autora, a organização totalitária é muito bem estruturada ao redor das mentiras da propaganda, as quais determinam “uma sociedade cujos membros ajam e reajam segundo as regras de um mundo fictício⁵²”. É precisamente nos limites destes mundos de fantasia que os líderes e ditadores totalitários exercem seu poder, conforme vislumbramos na Alemanha nazista de Hitler e na União Soviética comunista de Stálin.

A menção à organização totalitária se encaixa perfeitamente na Londres e na Oceânia de Winston Smith, uma vez que o sistema comandado pelo Partido possui notável estrutura constituída por ministérios e departamentos com funções e atribuições diversificadas. Orwell recriou, em *1984*, uma atmosfera organizacional verdadeiramente comprometida com as aspirações de um sistema de governo de domínio total.

⁴⁹ Orwell, *1984*, 340.

⁵⁰ Orwell, *1984*, 346.

⁵¹ Arendt, *Origens*, 435.

⁵² Arendt, *Origens*, 499.

O mundo fictício da Oceânia apresenta a adesão das massas ao domínio do Grande Irmão, objetivado na realidade (da ficção) através de uma burocracia que se utiliza da propaganda, representada pelos Minutos e Semanas de Ódio direcionados ao ícone da contrarrevolução, Goldstein, para alcançar a unidade nacional ao redor dos interesses do Partido. Obtida a unidade coletiva, extinguem-se as individualidades e as singularidades a elas vinculadas, configurando-se um mundo em que as pessoas, alienadas e reificadas, expropriadas de sua autonomia, se convertem em seres unidimensionais a serviço do *status quo*.

Quando os homens de uma sociedade pensam segundo um modelo padronizado, temos a figura do homem unidimensional⁵³ descrito por Marcuse. Na Londres do Grande Irmão de 1984, assim como nos regimes totalitários europeus do século XX, o controle das subjetividades e a reificação das consciências é concretizado pela via da semiformação, que promove a adequação dos indivíduos ao sistema político e econômico vigente. Alcançado o consenso social em torno da cultura hegemônica, instala-se uma semicultura individualista, funcionalista e capitalista⁵⁴. É este o cenário de terror e barbárie que George Orwell retrata com maestria em 1984.

Gonçalves, no entanto, afirma que a absorção do pensamento social não ocorre em compartimentos hermeticamente fechados, pois a subjugação da consciência (a sua reificação) deixa pequenos espaços a partir dos quais poderão emergir a contestação, a crítica e a emancipação⁵⁵. Nem mesmo a pior forma de totalitarismo seria capaz de transformar a consciência em máquina integralmente programada, o que significa que, mesmo diante da repressão e da opressão, a humanização, a cultura e a poesia podem se erguer contra a ditadura e a tirania. Haverá, então, possibilidade de manifestação das singularidades subjetivas diante das objetivações políticas totalitárias dominantes.

Em 1984 Winston Smith “superou a si mesmo” e se rendeu definitivamente ao regime totalitário comandado pelo Partido e personificado no Grande Irmão. A “vitória” de Winston sobre si próprio significa tão somente as preponderâncias da consciência reificada sobre o pensamento crítico e autônomo e do totalitarismo material e ideológico sobre as singularidades da expressão humana. Na Londres oceânica, em 1984, a organização política dominante foi uma forma de distopia. A magnífica obra de George Orwell ilustra uma advertência à contemporaneidade: a utopia que desejamos e vislumbramos ocorrerá na perspectiva do embate ideológico entre a crítica que emancipa e o totalitarismo que reifica e aliena as consciências.

⁵³ Marcuse, *A ideologia*, 30-31.

⁵⁴ Adorno, *Teoria*, 393-394.

⁵⁵ Gonçalves, *Adolescentes*, 54.

Bibliografia

- Adorno, T. W. *Introdução à Sociologia*. trad. wolfgang leo maar. são paulo: editora unesp, 2008.
- _____, Teoria da semicultura. trad. newton ramos de oliveira, bruno pucci e Cláudia b. m. de abreu. *educação e sociedade*: revista quadrimestral de ciência da educação, campinas, papirus, n. 56, p. 388-411, dezembro, 1996.
- _____, Horkheimer, m. *dialética do esclarecimento*: fragmentos filosóficos. rio de janeiro: jorge zahar, 1985.
- Arendt, H. *Origens do totalitarismo: antissemitismo, imperialismo, totalitarismo*. 1ª ed. são paulo: companhia das letras, 2012.
- Gonçalves, G. A. *Adolescentes e Jogos Eletrônicos*: racionalidade, submissão e resistência. saarbrücken: novas edições acadêmicas, 2014.
- Horkheimer, M. *Eclipse da Razão*. são paulo: centauro editora, 2000.
- Marcuse, H. *A Ideologia da Sociedade Industrial*: o homem unidimensional. 5ª ed. rio de janeiro: zahar editores, 1979.
- Marx, K.; Engels, F. *A Ideologia Alemã*. 1ª ed. são paulo: expressão popular, 2009.
- Orwell, G. *1984*. Tradução de Alexandre Hubner e Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

